



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ENIO PAULO AGUZZOLI**

**(depoimento)**

**2004**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-53

**Entrevistado:** Enio Paulo Aguzzoli

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS

**Entrevistadores:** Renato Trusz e Giovanni Frizzo

**Data da entrevista:** 02/04/2004

**Transcrição:** Luanda Dutra

**Conferência Fidelidade:** Giovanni Frizzo

**Copidesque:** Johanna Coelho Von Mühlen

**Pesquisa:** Vicente Cabrera Calheiros

**Fitas:** (01 fita) 53/01-A e 53/01-B

**Total de gravação:** 30 minutos

**Páginas Digitadas:** 11

**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 01953/2008/01

**Número de registro da fita:** 01953/2008/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

AGUZZOLI. Enio Paulo. *Enio Aguzzoli (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

## **Sumário**

Início do envolvimento com a corrida; criação e objetivos do CORPA; corridas de rua; preconceito inicial; a organização da primeira Maratona de Porto Alegre; visibilidade da mídia; apoio de empresas, patrocínios; pessoas importantes envolvidas com o CORPA; estudos na Alemanha; competições; participação em maratonas em outros países.

Porto Alegre 02 de abril de 2004. Entrevista com o senhor Enio Paulo Aguzzoli, a cargo dos entrevistadores Renato Trusz e Giovanni Frizzo, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

G.F. – Então... Começando... Seu Enio Aguzzoli poderia nos explicar como é que foi criado o CORPA<sup>1</sup> e todo o movimento das corridas de rua?

E.A. – Bem, em primeiro lugar Giovanni, eu devo te dizer que praticamente desde que eu nasci, acho que até no ventre materno, eu já me movimentava. Eu sempre fui um pouco inquieto, sempre gostei do pedestrianismo e da atividade física, desde os bancos escolares de Caxias do Sul<sup>2</sup>, onde fui criado. Participava de equipes, mas não de corridas, de basquetebol, que era meu esporte na época. E o que aconteceu? Eu vim para Porto Alegre<sup>3</sup>, na época que eu estava fazendo residência médica, isso foi em 1975/76. Sempre gostei de praticar o pedestrianismo, tanto corridas, caminhadas enfim, participava... E, me encontrei muito nessa modalidade de esporte porque é muito difícil tu encontrar um grupo de pessoas para jogar futebol às 6 da manhã. É muito difícil tu reunir as pessoas, nos horários que tu tem que trabalhar e estudar. Então, eu procurei fazer da corrida o meu esporte. Eu acho que ainda é um esporte básico. É um esporte onde tu não tens que ter muito equipamento, tem que ter um calção, um tênis apropriado. Acontece que na época, 1980, eu estava na tua escola e no vosso palco, no vosso cenário que é uma pista de atletismo, não tinha [palavra inaudível] forração de borracha, nada. Eu acho que era simplesmente terra, tinha um pouco de carvão em cima. Eu estava fazendo alguns treinamentos lá. Então, nesse dia, que eu não me lembro muito bem preciso, que dia foi de 1980... Mas, aconteceu é que eu correndo, vi um rapaz que estava ali com uma revista embaixo do braço e chamou minha atenção porque eu vi a revista de longe e eu a conhecia. Essa revista é conhecida mundialmente e se chama: RW, “*Runners World*”. É uma revista muito conhecida. Eu já tinha conhecido essa revista nos Estados Unidos, quando eu fiz segundo grau lá. Bom, aconteceu que eu comecei a conversar com o Carlos Dario Daudt sobre pedestrianismo e corrida... Começou aquele papo, aquele diálogo bastante fervoroso, acalentado como diz o espanhol, sobre corrida. Ele me pareceu um apaixonado. Eu estava treinando e acabei parando o treinamento e conversando com ele. Nós desfolhamos a revista e começamos a conversar

---

<sup>1</sup> Clube dos Corredores de Porto Alegre

<sup>2</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

sobre como é que estava a situação do pedestrianismo em Porto Alegre, Clube de Veteranos, ou seja, lá o que for... Campeonato Gaúcho essas coisas... Eu mencionei a ele um problema sério que eu tinha observado numa corrida, numa competição que não era bem uma maratona era uma rústica idealizada pelo sul-brasileiro na época que já não temos mais. Fiquei indignado de participar de um evento que era maravilhoso, e que eu chamei de chacinada. Na ocasião, as rádios, a mídia até falou que eu fui um pouco rude porque, eu não gostei de ver crianças abalroadas em nome desse esporte sem uma organização de percurso, de segurança, sem funil, sem estabelecer regras para se fazer uma competição. Toda competição, ao meu ver, tem que ter regras definidas, e o brasileiro é muito bom em regras, acontece que não as cumpre muitas vezes. Só que ali, não tinha nem regras... O dono do banco na época, os diretores o que eles queriam? Eles queriam é promover o banco! É isso aí! E, dar um prêmio. Então, não importa se misturam crianças, se misturam senhoras, pessoas mais velozes... Isso não interessa, interessa que todo mundo corra, passe na frente do obelisco dele e todo mundo se curva, como muitas vezes se faz no Brasil e eles ficam com as láureas. Falando com ele, indignado com isso, começou a surgir uma idéia de formar um clube, naquele momento, naquele instante, naquela manhã, que era um final de semana, um sábado se não me engano. A idéia foi de formar um grupo de pessoas que pudessem participar aos finais de semana, um grupo de pessoas com o mesmo objetivo, qual seria esse objetivo: de formar uma associação que a gente pudesse fazer os eventos de rua organizadamente, estabelecer limites e um estatuto... E foi o que fizemos. Vocês podem olhar aqui no termo de abertura diz assim: “esse livro de atas de reuniões do Clube de Corredores de Porto Alegre, CORPA, nele em folhas numeradas de 1 a 200, serão registradas todas as atas de reuniões da diretoria assembléia geral, Porto Alegre, 20 de setembro de 1981”. Se vocês quiserem levar vocês podem, eu não sei se vocês já tem esse documento?

G.F. – Não, mas temos interesse em fazer uma cópia...

E.A. – Não, vocês podem levar. A cópia é de vocês já está registrado aqui. Aqui traz realmente todo aquele histórico do CORPA e mostra como foi aclamada a diretoria e o presidente. Eu tive a felicidade de ser aclamado o primeiro presidente do Clube de Corredores de Porto Alegre, isso foi no dia 20 de setembro. O Carlos Dario Daudt foi

---

<sup>3</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

escolhido por mim como o primeiro secretário e se deve a ele, toda a realização deste relatório, deste termo de abertura, deste livro de atas, muito bem escrito, redigido. O Carlos Dario tem muita capacidade intelectual e fez um trabalho muito bom... Inclusive aqui no final vocês podem observar que existe toda a relação dos sócio-fundadores e muitos vocês conhecem, quem sabe tenham até passado por vocês lá, professores etc. Então, vocês levam esse documento, que eu acho que é imprescindível pra quem quer ter a memória viva do... Isso eu passo nas mãos de vocês... Como eu estava dizendo, nós fizemos essa reunião e foi muito bem dirigida pelo Carlos Dario Daudt, que colocou para os participantes dessa reunião qual era a nossa idéia sobre o CORPA. Daí aconteceu um detalhe, nós tínhamos que realizar as primeiras competições... Nós tivemos pessoas que, sem dúvida, nos auxiliaram na realização da primeira maratona, etc. Na verdade, se vocês observarem historicamente, a primeira maratona de Porto Alegre foi feita em 81, eu não tenho *xerox* pra dar pra vocês, mas a primeira maratona foi feita pela Brigada Militar e aqui eu tenho um certificado de participação no dia 15 de novembro de 1981. Esta foi à primeira maratona que a Brigada Militar... Primeira maratona de Porto Alegre... Que depois o CORPA através da presidência na época... Ele assumiu e registrou no Cartório de Registro Especial como sendo de poder, de domínio do CORPA. Hoje não existe uma instituição que possa se apropriar indevidamente da maratona de Porto Alegre. A maratona de Porto Alegre só pode ser feita através do CORPA, Clube de Corredores de Porto Alegre. Bom, por motivo de força maior, eu tive que me afastar do CORPA em 1982. Em 1981, como presidente, eu tive que me afastar e deleguei o cargo para Antônio Celso Ayub, que ficou como o segundo presidente. Eu estava indo para a Alemanha fazer pós-graduação em cardiologia e medicina desportiva e fiquei dois anos lá. É claro que aí foi assumido pela mesma diretoria porém com novo presidente, ele já era Diretor-médico. Ele foi escolhido por mim e pelo Carlos Daudt para ser diretor-médico e foi empossado como presidente, então, ele foi o segundo presidente. O CORPA começou a crescer a medida que os sócios foram dando força, a medida que houve participação de aficionados em maratonas e quem comprou a idéia, junto com o Paulo Silva, na questão de mídia foi a RBS<sup>4</sup>. A RBS junto com o Paulo Silva e Ranzolin<sup>5</sup> fizeram um pacto durante cinco anos. Depois se multiplicou esse tempo e fizeram um acordo de que a Rádio Gaúcha<sup>6</sup> iria promover a Maratona. Do ponto de vista histórico, o que tu tens? Tu tens uma organização,

---

<sup>4</sup> Rede Brasil Sul de Comunicação – subsidiária da Rede Globo.

<sup>5</sup> Armino Antônio Ranzolin

como todas são: elas nascem, digamos com um número X de pessoas, e a mídia vai fazendo a divulgação e quando tu vê, tu tens um número grande de associados, a sede mudou... Por diversas vezes ela teve que mudar, estrategicamente ela saiu lá da zona norte, que era na Jarí, ela foi aqui para Santana, da Santana ela foi agora para Gonçalves Dias<sup>7</sup>... Bom, Paulo Silva, eu posso dizer pra vocês assim, que foi um grande e emérito bom presidente no sentido de ter oferecido ao CORPA a oportunidade do CORPA crescer, como está hoje. Na verdade, o Paulo Silva, ele foi posterior a outros companheiros como, por exemplo, o Doutor... Ele é arquiteto... Vilmar Elman<sup>8</sup> é um arquiteto, Vilmar Elman... Depois Paulo Edi<sup>9</sup>, outro presidente. Todos eles tiveram o seu cunho pessoal não é? Mas, por exemplo, na época, uns se caracterizavam por fazer as nossas logotipia, a nossa caracterização, a nossa jurisprudência, os estatutos, melhorar... Inclusive atualizar. Essas pessoas a gente tem que dar um voto de louvor. Um trabalho não se faz de uma pessoa só, é um conjunto, é um grupo de pessoas. Há uns vinte anos eu tenho participado efetivamente nas palestras da clínica da Maratona e tenho participado também ativamente sempre com a organização de saúde, a organização de cuidados com a saúde do participante, do maratonista. Sempre em maio, quando acontecem as Maratonas eu estou participando como, digamos assim, membro de uma das ambulâncias do serviço médico que faz atendimento... Inicialmente nós tínhamos pouco atendimento, tínhamos pouca adesão. Depois a SOGAMED, que é a Sociedade de Medicina do Rio Grande do Sul, entrou junto... Foi convidada e está participando, Túlio, o doutor Túlio [palavra inaudível]... Doutor Turra<sup>10</sup>... Ele era presidente da SOGAMED, Sociedade Gaúcha de Medicina Desportiva que tem uma participação muito efetiva no sentido de dar apoio com estagiários, com médicos. Hoje nós observamos uma maratona e, praticamente, não temos noção do quanto isso representa, todas essas pessoas voluntárias, os fisioterapeutas, os professores de educação física que participam da aferição de funil, os fiscais de percurso... Acho que a maratona de Porto Alegre hoje, no contexto mundial de maratonas, é uma das que podemos chamar de uma *top* de linha, não é? O Brasil tem coisas muito interessantes: nós temos de um lado uma riqueza fantástica e, de outro, nós temos casebres e pessoas que comem de lata de lixo... Nós temos uma maratona que é extremamente bem organizada e

---

<sup>6</sup> Rádio pertencente ao grupo da Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS)

<sup>7</sup> Ruas da cidade de Porto Alegre

<sup>8</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>9</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>10</sup> Nome sujeito a confirmação

ao mesmo tempo, nós temos deficiências extremamente grandes em outras áreas esportivas, e o CORPA é assim. Eu acredito infelizmente... Eu quero dizer uma coisa a vocês... No sentido político da coisa... Eu fui candidato a deputado estadual e eu tinha um objetivo com essa minha candidatura, nunca fui político, mas eu tinha alguns projetos... Vocês vêem, eu sou médico, graças a Deus eu sou médico, eu não sou político... Mas fui convidado a entrar no PMDB<sup>11</sup> e participei da eleição de 2002. Bom, o que aconteceu? Evidentemente, como eu não sou político, eu não ganhei nada, perdi... Perdi dinheiro. Mas eu queria trazer mais para o CORPA, eu queria trazer mais para o pedestrianismo esporte, algumas coisas... Quando mexemos dentro da política temos mais força do que fora. Se tu és político tu sabes de onde é que vem o dinheiro, tu articulas... Eu queria trazer para o CORPA, mas, infelizmente, eu não consegui a vitória. Também tinha alguns projetos sobre ciclismo, também essa parte desportiva, não só o CORPA, mas também toda área desportiva. Na verdade, o que a gente precisa no Brasil, é motivação das pessoas, motivação das empresas que canalizem recursos para o determinado esporte, por exemplo, o dinheiro da loteria esportiva a gente não vê, eu acho um absurdo a gente não vê. E o CORPA acredito, que hoje esteja lutando com dificuldades, porque vejam vocês, para formar, ser independente de qualquer empresa. A RBS durante alguns anos tem feito a cobertura, mas uma cobertura custa muito dinheiro e para ti fazer uma maratona e ter sucesso, tem que convidar pessoas que tenham nível internacional, porque tu trazas artistas... E como tu vai fazer um show, a maratona é um show, é um espetáculo... Tu tens que trazer... Se tu vai fazer um show no Beira Rio<sup>12</sup>, tu não podes trazer só a prata da casa, tu tens que botar uma pessoa de nome internacional ou que tem nome... Tu vai trazer um Roberto Carlos<sup>13</sup>, aí a coisa explode... Nós também! O CORPA, por exemplo, ele tem que trazer pessoas com prêmios grandes, com prêmios bons. Vocês viram aí nas últimas maratonas nós tivemos prêmios que foram bons... Um automóvel, a GM<sup>14</sup> nos brindou com automóveis, prêmios de cinco a dez mil, foram prêmios bons. Por esse lado temos que ver que um evento desses custa muito caro, isso com toda a colaboração de vocês, a Escola de Educação Física, a SOGAMED. Se tu começares a observar nesses anos todos que o CORPA tem, mais de vinte anos, eu por um lado fico muito feliz que vocês estão me

---

<sup>11</sup> Partido do Movimento Democrático Brasileiro

<sup>12</sup> Estádio de futebol do Internacional

<sup>13</sup> Cantor da Música Popular Brasileira, "Rei" Roberto Carlos

<sup>14</sup> General Motors

ouvindo e fazendo essa pesquisa. Mas por outro lado eu fico muito triste porque o CORPA hoje nem sede própria tem, eu sempre digo isso... É uma espécie até de desabafo que eu estou dando para vocês. O CORPA não tem sede própria, o CORPA não tem uma situação financeira muito boa, no sentido de poder ser auto-suficiente de dizer: Não, eu vou fazer uma maratona... Se não tiver uma empresa atrás, e claro que a mídia... A empresa fica com a maior parte e o CORPA com o restinho, uma espécie de migalha. E é com isso que o coitado do CORPA tem que sobreviver. Então, vejam vocês que o CORPA hoje ele é líder em inovações, o primeiro chip colocado no tênis foi o CORPA que colocou, na aferição. Foi uma das primeiras maratonas que, aqui no Brasil... O CORPA foi, vamos dizer assim, o pioneiro. Por esse lado, eu me sinto muito orgulhoso, honrado de que o CORPA tem feito isso, e por outro lado triste porque a organização precisa de dinheiro... Vejam vocês o futebol, que é um mar de dinheiro. Nós não temos, por exemplo, um canal, uma receita fixa, porque nem todos associados contribuem religiosamente, eles deixam, atrasam e na véspera da maratona eles vêm para ganhar o benefício... A história da maratona do CORPA, eu sempre digo, teve altos e baixos... É assim como se tu estivesse fazendo uma caminhada num terreno acidentado, tu sobe numa montanha e depois tu desce, e assim por diante. Tem momentos de glória, teve momentos de tristeza, desespero porque faltava dinheiro para conseguir fazer a maratona. Nessa questão, eu vejo que Paulo Silva tem muito mérito. Esse rapaz, esse professor é um titular formado e tem muito mérito, eu acho que ele, se não me engano, ele teve que até empenhar o carro dele para que a maratona saísse. Para vocês verem como a coisa é difícil, se não tem uma Petrobrás<sup>15</sup> por trás, se não tem uma Ipiranga<sup>16</sup>, se não tem uma RBS que dê todo esse... Porque custa dinheiro, imagina que, antigamente nós tínhamos que alugar todo o equipamento, tu tens que aferir, tu tens que premiar, tu tens que ter a medalha, tu tens que dar diploma, o certificado, tu tens que ter a correntinha para botar a medalha porque não pode... Tu tens que ter água mineral, porque já que a maratona de Porto Alegre... Hoje ela está no calendário internacional oficial, existe uma associação, vocês conhecem? A FISM, que é uma associação internacional que regula essas maratonas, e para ti estar no calendário deles, e para ti ser, digamos, abençoado, aprovado por eles, tens que ter todos os itens. Tu tem que ter, por exemplo, segurança, percurso - ele tem que ser aferido absolutamente 42.195, não pode ter um milímetro a mais, se tiver um milímetro a mais, não é mais a maratona. Tem

---

<sup>15</sup> Petróleo Brasileiro S/A. Empresa estatal brasileira fundada em 3 de outubro de 1953

<sup>16</sup> Empresa petroquímica brasileira

todos esses detalhes que elevam custos, porque alguém vai ter que aferir, alguém vai ter que ter um aparelho, alguém vai ter que fazer a parte de segurança, essa parte de medalhas, de premiação... Não é qualquer empresa que oferece um automóvel, um computador. E esse pessoal, essas pessoas, esses atletas de ponta, que são os *tops*, para fazer uma maratona em duas horas e quinze, duas horas e dez... Eles não vêm aqui por pouco dinheiro, com certeza... Mil reais tu não tira nem de casa, nem de casa... Quer dizer um prêmio para eles tem que ser dez, quinze, vinte mil reais... Como eu digo, para fazer esse show, que a maratona é um show, ela está no palco internacional... Em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul... Para fazer esse show é caríssimo... Vocês podem comparar com um show multimilionário que é o Planeta Atlântida<sup>17</sup>, por exemplo, aquilo é um show multimilionário, só tem um detalhe lá que não tem aqui, é que o espectador lá paga e aqui não paga, tu aprecia toda aquela... O descortinar de todo aquele movimento... E tu ficas na rua observando sem pagar um tostão. E, a arrecadação também, a prefeitura tem colaborado na medida do possível, mas muito pouco, porque não existe uma tradição esportiva atrás disso, existem umas empresas que tem interesse que o nome delas apareça, mas a prefeitura de Porto Alegre não tem tido, em todo o tempo, em todo o trajeto da maratona do CORPA, não tem tido muita receptividade. Eles podem te oferecer alguma coisa, podem te ceder, te emprestar, isso sim! Mas um dinheiro para que funcione... Muito pouco... Então, isso é uma espécie de desabafo apenas, queria fazer um parênteses embora... Mas eu vou para as perguntas agora... Já que o horário está meio em cima, eu tenho compromissos...

G.F. – Só pra entender: na época o pedestrianismo e a corrida de rua... Na época do CORPA e do início da maratona, eles não eram muito comuns?

E.A. – Não, absolutamente...

G.F. – E como é que foi a aceitação das pessoas, do público em geral da maratona, do início das corridas de rua... Como é que foi a aceitação dessas pessoas?

---

<sup>17</sup> Evento Musical que ocorre anualmente no verão na praia de Atlântida, litoral do Estado do Rio Grande do Sul

E.A. – Bom, veja bem... Eu venho de cidade do interior, que naquela época quando tu botavas um calção e tu corrias tipo, as seis, sete horas da manhã e os trabalhadores te viam, eles podiam te alcunhar de várias coisas, de vagabundo, de bixa, de desocupado... E, afinal, tu tinhas... Eu venho de uma cidade do interior, Caxias do Sul, que não é tão interior, está logo ali, daqui a um dia se emenda com Porto Alegre, mas é assim, não tinha tradição nenhuma, as pessoas tinham clubes que faziam... Mas corrida de rua... E esses aspectos de conotação, nesse ponto eu posso dizer que eu fui um dos pioneiros e nós, vamos dizer assim, como é que eu vou te dizer... [palavra inaudível] Estava correndo de calção na rua... Hoje é muito comum tu ver gurias, rapazes, moças correndo na rua, ninguém dá a mínima... Mas naquela época chamava a atenção, pelo menos chamava a atenção...

R.T. – O pessoal tinha preconceito com relação a isso...

E.A. – Absoluto, tinha preconceito... Achando que aquilo era algo exótico, pelo menos exótico, jogar futebol não, mas correr ali na rua era cara meio louco, meio doido. E não havia um clube e as maratonas de Porto Alegre... Não havia maratonas em Porto Alegre. Havia era eventos... Por exemplo: o Giovanni inventava de fazer uma corrida que passasse aqui, ali e ali. Ele determinava, botava a panfleteava... Vai fazer uma corrida, a premiação vai ser umas medalhinhas e assim que isso foi... Então, até o advento do CORPA, as competições de Porto Alegre, um pouquinho diferente do ciclismo... Elas tinham um calendário da Federação Gaúcha de Atletismo, tinham... Mas não como corridas de rua, não como maratonas. O que consagrou realmente CORPA foi a Maratona de Porto Alegre e os eventos que hoje são feitos de uma forma responsável. Existiu a Federação? Sim, existia a Federação, ela é bem antiga... Só que a Federação fazia provas, digamos assim, com outro... Tinha provas para estudantes, mas de rua, movimento popular não, só depois da... Vinte anos que... Mais, vinte e dois que o CORPA foi instituído e criado. Aí, então, houve toda uma mídia, houve uma informação, houve uma propaganda, uma divulgação, um esclarecimento... Hoje, por exemplo, quando se vai fazer uma prova... Antes da prova tu tens uma clínica, se fala sobre o evento, sobre as dificuldades, sobre a fisiologia, a fisiopatologia, sobre o que pode acontecer e as precauções que o atleta deve ter... Então vocês... A tua pergunta é muito pertinente porque não havia assim, uma preocupação e havia até um preconceito.

G.F. – Na criação do CORPA e, posteriormente, da Maratona... Se pudesses enumerar os principais objetivos tanto da questão do CORPA e, depois, com a maratona...

E.A. – Giovanni... Acho que essa pergunta tua eu já respondi no início, tu sentiu porque que é, tu viu porque que foi criado o CORPA... Tu podes depreender da minha indignação com aquela chacinada, não era uma “maratonada” e nem uma macarronada, era uma chacinada e o que eu via ali era um absurdo, em nome do pedestrianismo, em nome de um esporte bonito, tão lindo e básico... Corrida... Todo mundo pode participar, ele não elitiza ninguém. Eu posso dizer, te afirmar, qualquer pessoa pode correr, pode participar... Evidentemente que hoje para ti ter, digamos assim, uma proteção tem que ter um calçado especial, hoje nós temos um calçado que eu denomino, eu criei um sapato, um tênis que eu chamo EPI... E um EPI que é um equipamento de proteção individual. Quer dizer, hoje não se corre mais com tênis, eu corria de conguinha<sup>18</sup>... Hoje se tu vais correr de conguinha tu te arreventa, estraga todo teu aparelho músculo-esquelético. Então, a tua pergunta Giovanni é muito boa no sentido... Mas se tu pegar o início da tua gravação tu vais ver porque que o CORPA surgiu.

G.F. – A intenção é de saber se entre as idéias de divulgação do esporte, existia também a idéia de promover a saúde da população e a prática desportiva com relação ao esporte...

E.A. – Eu vou dizer que sim... Na verdade nós fazíamos o CORPA. Ele criou uma espécie de domingueira, na qual nós buscávamos adeptos para uma atividade que fosse lúdica e que tinha o objetivo de proporcionar saúde. Se tu pegares aqui, dá licença, dá uma olhadinha no estatuto e tu vai ver qual era a finalidade do CORPA, uma das finalidades era proporcionar saúde as pessoas. Depois tu vais ter calma... Tu vais ter tempo de receber esse estatuto, termo de abertura... E tu vais ver que sim, uma das finalidades era promover saúde. O CORPA teve durante algum tempo, isso foi uma criação nossa...

[FINAL DA FITA 53/01-A]

E.A. – Então aqui eu tenho uma... A domingueira era uma corrida que o CORPA realizava, então, no final nós entregávamos para pessoa um certificado de participação daquele

evento... Acho que eu vou ficar te devendo esse... Mas isso tem... Então, era sim, “Giovanni Frizzo participou da nossa domingueira no dia tal, tal, tal fazendo um percurso de tanto, com bom aproveitamento” e, assim por diante. O CORPA se preocupava com saúde e, principalmente, com a questão de segurança e desenvolver saúde no sentido global, no sentido não só de promoção da saúde, aumento da capacidade aeróbica, não era só isso também, mas aquelas pessoas que eram, por exemplo, viciadas em... Esse era nosso pensamento... Por exemplo, os fumantes, os tabagistas, os etilistas, pessoas que pudessem se juntar a nós e largar... Pegar uma coisa boa: endorfina e substituir essa endorfina por aquilo que... O tabagismo, pelo próprio álcool, pela adição, pela dependência... Que na verdade a corrida é um... Ela causa uma certa boa dependência... Eu só queria te mostrar uma coisinha... Esta aqui foi a primeira bandeirinha. Quando eu estava na Alemanha, foi a primeira bandeirinha... Isso aqui foi quando eu participei da maratona da Alemanha. Eu levei isso que eu guardo com carinho, porque foi um lençol de hospital que eu cortei e escrevi a bandeirinha... Ela atravessou Berlim, na época do muro [risos]... Tem tradição...

G.F. – Bom, agradeço o relato, até em virtude do tempo vamos... Deixo o CEME à disposição tanto a nossa pesquisa... Depois vamos entrar em contato de novo... Se tiveres mais alguma coisa importante para deixar para nós...

E.A. – Não, eu só quero dizer a vocês... O Giovanni e o amigo... Renato... Que o trabalho de vocês é extremamente importante. Eu acredito num povo que tem história. Eu acredito que essa história possa mostrar às futuras gerações que vem aquilo que aconteceu... Porque muitas coisas, desde a formação do Brasil, muita gente trabalhou, botou sangue para que as pessoas tivessem mais conforto, tivessem oportunidades... Eu acho que é o somatório de todos, todos tiveram a participação, não foi só a criação... Porque tu podes criar... É como um filho, mais ou menos assim: papai e mamãe fazem um filho, que é muito gostoso fazer... Mas na verdade quem cria, quem desenvolve é a participação de todas as pessoas para dar aquela forma, aquela característica, naquele objeto do criador... Aquilo é que faz o... Vamos dizer... Esse ser e essa entidade crescer e ter finalidades sociais. Eu acho que a grandeza do CORPA, está nas pessoas que fizeram o CORPA desenvolver e crescer. Com isso eu deixo um abraço em vocês e com mais respeito, digamos assim, estímulo para que

---

<sup>18</sup> Modelo de tênis muito usado na década de 80.

esse trabalho seja feito e divulgado no nosso meio e nossa mídia, para que esses jovens saibam como é que a história se desenvolveu e a criação...

[FINAL DO DEPOIMENTO]